



FACULDADE DE ENFERMAGEM NOVA ESPERANÇA
CURSO DE BACHAREL EM ENFERMAGEM

YURI ALVES AMARO

**PERCEPÇÃO DE PAIS DE CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA FRENTE AOS
CUIDADOS À SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA DO SUS**

JOÃO PESSOA – PB
2023

YURI ALVES AMARO

**PERCEPÇÃO DE PAIS DE CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA FRENTE AOS
CUIDADOS À SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA DO SUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Enfermagem Nova Esperança como parte dos requisitos exigidos para a conclusão do curso de Bacharelado em Enfermagem.

Orientador: Prof. Me. Paulo Emanuel Silva

JOÃO PESSOA – PB
2023

A522p

Amaro, Yuri Alves

Percepção de pais de crianças com espectro autista frente aos cuidados a saúde na atenção primária do SUS / Yuri Alves Amaro. – João Pessoa, 2023.

29f.

Orientador: Prof^o. Me. Paulo Emanuel Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Faculdade Nova Esperança - FACENE

1. Saúde Mental. 2. Saúde da Família. 3. Transtorno do Espectro Autista. I. Título.

CDU: 616.8:614

YURI ALVES AMARO

**PERCEPÇÃO DE PAIS DE CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA FRENTE
AOS CUIDADOS À SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA DO SUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Nova Esperança como parte das exigências para obtenção de título de Bacharel em Enfermagem

Aprovado em: _____, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Paulo Emanuel Silva
Orientador/FACENE

Prof. Dra. Suellen Duarte de Oliveira Matos
Membro/FACENE

Prof. Dra. Vilma Felipe Costa de
Melo Membro/FACENE

RESUMO

No campo das ciências, a mente humana representa um desafio para pesquisadores de múltiplas áreas do saber. A sociedade moderna é diversa e múltipla, com demandas sociais variadas, inclusive no âmbito da saúde pública. Dentre as frações populacionais brasileira, esta proposta de estudo privilegia as crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo, cujo desempenho acadêmico tem sido considerado crítico em diferentes estudos publicados no Brasil. Tem por objetivo geral analisar a percepção de pais de crianças autistas sobre suas expectativas em relação aos cuidados na APS do SUS, e como objetivos específicos, compreender a atuação da equipe de enfermagem no atendimento a crianças com TEA na APS do SUS, sob a ótica dos pais; Descrever a percepção de pais de crianças autistas frente aos cuidados na APS. Trata-se de uma pesquisa de campo aprovada pelo CEP, sob CAAE: 67492223.4.0000.5179, de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, realizada em uma Unidade de Saúde da Família do município de João Pessoa, Paraíba. Foram entrevistados a partir de um roteiro semiestruturado, 7 responsáveis por crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. Os dados foram transcritos e analisados por meio de Análise de Conteúdo. As falas foram agrupadas em quatro categorias temáticas de acordo com os questionamentos de pesquisa acerca do recebimento de diagnóstico, a necessidade de assistência de Enfermagem, a qualidade da assistência de Enfermagem recebida, e por fim, as expectativas sobre o serviço ofertado na Unidade de Saúde da Família. Foram entrevistados sete pais na cidade de João Pessoa, Paraíba. A comunicação do diagnóstico foi realizada por profissionais de saúde, mas alguns pais expressaram insatisfação com a falta de empatia. A maioria dos pais não buscou atendimento específico na APS, exceto para vacinação, pois seus filhos recebem tratamento em serviços de saúde públicos e privados. O estudo destaca a importância de compreender as experiências e percepções das famílias para melhorar a prática clínica e o planejamento de políticas de saúde.

Palavras-chave: Saúde mental; Transtorno do Espectro Autista; Saúde da Família; Enfermagem.

ABSTRACT

In the field of sciences, the human mind poses a challenge for researchers from various areas of knowledge. Modern society is diverse and multifaceted, with diverse social demands, including in the realm of public health. Among the Brazilian population, this study proposal focuses on children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD), whose academic performance has been considered critical in different studies published in Brazil. The general objective is to analyze the perception of parents of autistic children regarding their expectations regarding care in the Primary Health Care (PHC) of the Brazilian Unified Health System (SUS), and the specific objectives are to understand the role of the nursing team in the care of children with ASD in PHC from the parents' perspective, and to describe the perception of parents of autistic children regarding care in PHC. This is a field research approved by the Research Ethics Committee, under CAAE: 67492223.4.0000.5179, with a qualitative, exploratory, and descriptive approach, conducted at a Family Health Unit in the municipality of João Pessoa, Paraíba. Seven caregivers of children with Autism Spectrum Disorder were interviewed using a semi-structured script. The data were transcribed and analyzed through Content Analysis. The statements were grouped into four thematic categories according to the research inquiries regarding the receipt of diagnosis, the need for nursing assistance, the quality of nursing care received, and finally, the expectations about the services offered at the Family Health Unit. Seven parents were interviewed in the city of João Pessoa, Paraíba. The diagnosis communication was conducted by healthcare professionals, but some parents expressed dissatisfaction with the lack of empathy. The majority of parents did not seek specific care in PHC, except for vaccination, as their children receive treatment in both public and private healthcare services. The study emphasizes the importance of understanding families' experiences and perceptions to improve clinical practice and health policy planning.

Keywords: Mental health; Autistic Spectrum Disorder; Family Health; Nursing.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
1.1	Justificativa	09
1.2	Objetivos	09
1.2.1	Objetivo Geral	09
1.2.2	Objetivos Específicos	09
2	REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1	Considerações gerais sobre o transtorno do espectro autista	10
2.2	A enfermagem no atendimento ao TEA	11
3	METODOLOGIA	13
3.1	Tipo de pesquisa	13
3.2	Local da pesquisa	13
3.3	População e amostra	13
3.4	Instrumento de coleta de dados	14
3.5	Procedimentos para coleta dos dados	14
3.6	Análise dos dados	15
3.7	Aspectos éticos	15
3.8	Financiamento	16
4	RESULTADOS	17
5	DISCUSSÃO	19
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	23
	APÊNDICES	26

1 INTRODUÇÃO

No campo das ciências, a mente humana representa um desafio para pesquisadores de múltiplas áreas do saber. A ciência busca compreender os acontecimentos, os processos, o funcionamento e as demais dimensões que compõem o funcionamento do cérebro e dos sentidos, para dar conta de construir realidades, isto é, hermenêuticas para interpretar e transmitir – a percepção. A condição singular do ser humano e sua máquina pensante representam um emaranhado de necessidade, potencialidades e processos cognitivos que acontecem, constantemente, no cérebro para que se torne um cidadão pleno (MARTINS *et al.*, 2021).

Porém, a sociedade moderna é diversa e múltipla, com demandas sociais variadas, inclusive no âmbito da saúde pública. Dentre as frações populacionais brasileira, esta proposta de estudo privilegia as crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), cujo desempenho acadêmico tem sido considerado crítico em diferentes estudos publicados no Brasil (NUNES; AZEVEDO; SCHMIDT, 2013). Desse modo, no âmbito da saúde pública, a temática desta proposta de pesquisa será contextualizada na esfera dos cuidados às crianças autistas no Sistema Único de Saúde (SUS), com o tema delimitado à assistência na atenção primária à saúde (APS), mais especificamente no campo da saúde mental (MAPELLI *et al.*, 2018).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o TEA passou a constar na nova Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, a (CID-11), unificada no código 6A02 (APA, 2014). O TEA é um distúrbio do neurodesenvolvimento, e se define pela distorção em áreas de grande importância no cérebro: Cerebelo, Sistema Límbico, Hipocampo. Assim, pessoas com TEA manifestam inúmeros atrasos na interação social, padrões comportamentais repetitivos e estereotipados, e podem apresentar um repertório restrito de interesse nas atividades. Além disso, existem graus de severidade, de sintomas leves aos mais graves, em todas as múltiplas manifestações que a doença desenvolve (SOUZA *et al.*, 2020).

Entre as condições mais comuns de transtornos mentais diagnosticados em crianças, o TEA é detectado tanto em crianças como também em adultos, cuja epidemiologia alcança de 1% a 2% da população mundial e, no Brasil, aproximadamente 2 milhões de pessoas. Baseando-se em dados do *Center of Diseases Control and Prevention* (CDC), dos Estados Unidos da América, a prevalência de casos entre crianças é de 2,72% com distúrbios do neurodesenvolvimento, mais especificamente o TEA (EBERT; LORENZINI; SILVA, 2016).

Dentre os usuários do SUS com TEA, as crianças em idade escolar são a fração populacional no âmbito do SUS que necessitam de mais atenção dos profissionais da Saúde. Isso porque, em sua maioria, apresentam distúrbio de leitura e escrita, com o desempenho acadêmico considerado crítico, em diferentes estudos publicados no Brasil, (GOMES; MENDES, 2010; NUNES; AZEVEDO; SCHMIDT, 2013; MAPELLI *et al.*, 2018; MARTINS *et al.*, 2021).

Durante o pré-natal é possível diagnosticar ou suspeitar de um TEA no bebê, pois o cérebro de uma pessoa com TEA apresenta diferenças comparado à cérebros de indivíduos que não estão com nenhuma suspeita dessa condição. Esse processo é realizado ainda no útero da mãe, isto é, durante o acompanhamento da gestação com o profissional de saúde, através de exames de imagens. De fato, considera-se relevante que o SUS diagnostique uma criança com TEA, tendo a obrigatoriedade de acolher a família no momento do diagnóstico, pois esse assunto é delicado e exerce impacto emocional (ZANATTA; GUIMARÃES; MOTTA, 2014; OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Na atenção básica do SUS, a equipe multidisciplinar é formada por médicos com especialidade em psiquiatria, neurologia e pediatria, e conta com a presença de psicólogos e fonoaudiólogos. Contudo, é importante que a equipe de enfermagem esteja inserida no processo de diagnóstico e intervenções no cuidado à criança com TEA. No que diz respeito à atuação do enfermeiro na assistência à criança com TEA, no âmbito da equipe multiprofissional, a enfermagem deve observar as nuances dos pacientes, e estarem atentos às respectivas demandas, prestando assistência integral e com qualidade para contribuir com o cuidado das pessoas autistas e de seus familiares, inclusive no tocante aos laços relacionais (NASCIMENTO *et al.*, 2022).

O enfermeiro envolvido com a equipe multiprofissional tem a competência para cuidar da criança autista e de sua família, ou seja, o enfermeiro é o profissional capaz de atuar, também, no cuidado residencial, na organização e na dinâmica familiar (MAGALHÃES *et al.*, 2021). Nesse sentido, o acolhimento à família de crianças autistas é uma postura ética que se constitui pela escuta das queixas do usuário, pelo reconhecimento do seu protagonismo no processo de saúde e adoecimento, e pela responsabilização na resolução, com ativação de redes de compartilhamento de saberes. Portanto, acolher é um compromisso de resposta às necessidades dos cidadãos que procuram os serviços de saúde (BRASIL, 2009).

Nesse viés, considera-se que o SUS deve disponibilizar o acompanhamento psicológico para melhor qualidade de vida da família e, sobretudo, da pessoa autista. Quanto ao cotidiano de famílias que vivem frequentemente com o autismo infantil, cabe ao

profissional de enfermagem promover subsidio para conceber um esquema de cuidados direcionados às demandas da criança autista e do seu grupo familiar (DARTORA; MENDIETA; FRANCHINI, 2014; MOHAMMADI *et al.*, 2019).

Portanto, é necessário que o SUS analise a questão de interação e acompanhamento, não apenas da enfermagem, mas também da equipe multidisciplinar, prestando todo o amparo à família e ao paciente, como por exemplo, esclarecendo dúvidas dos pais no que se refere a como agir nesse tipo de situação, dentre outros problemas enfrentados.

Nesse contexto, o estudo buscou responder à seguinte questão norteadora: Quais são as expectativas de pais de crianças autistas em relação aos cuidados à saúde no SUS?

1.1 Justificativa

A justificativa em realizar esta pesquisa no campo da Enfermagem se refere à relevância social e acadêmica em abordar a percepção de pais de crianças autistas sobre suas expectativas em relação aos cuidados do SUS. No âmbito da saúde pública do Brasil, o Ministério da Saúde (MS) lançou o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH), no ano de 2003, que possibilitou a criação da Política Nacional de Humanização (PNH), objetivando a sua respectiva utilização prática no SUS, inclusive na atenção primária à saúde (APS) (BRASIL, 2009).

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar a percepção de pais de crianças autistas sobre suas expectativas em relação aos cuidados na APS do SUS.

1.2.2 Objetivos Específicos

Compreender a atuação da equipe de enfermagem no atendimento a crianças com TEA na APS do SUS, sob a ótica dos pais;

Descrever a percepção de pais de crianças autistas frente aos cuidados na APS.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Considerações gerais sobre o Transtorno do Espectro Autista

De acordo com Klin (2005), os primeiros estudos sobre autismo foram iniciados pelo psiquiatra Leo Kanner, em 1943, ao descrever pela primeira vez, 11 casos de *distúrbios autísticos do contato afetivo*, considerando que havia uma incapacidade de relacionar-se de formas usuais com as pessoas desde o início da vida. No início dos anos de 1960, um crescente corpo de evidências começou a acumular-se, sugerindo que o autismo era um transtorno cerebral presente desde a infância, e encontrado em todos os países e grupos socioeconômicos e étnico-raciais investigados (BRITES, 2017).

Segundo Klin (2005), há um marco na classificação desse transtorno, em 1978, quando Michael Rutter propôs uma definição do autismo com base em quatro critérios: 1) atraso e desvio sociais não só em função de retardo mental; 2) problemas de comunicação, novamente, não só em função de retardo mental associado; 3) comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; e 4) início antes dos 30 meses de idade.

Desde 1980, o autismo tem sido descrito no Manual de Transtornos Mentais (DSM), que tem expressiva importância nos parâmetros clínicos dos diagnósticos de transtornos neuropsiquiátricos em todo o mundo. O mais recente, o DSM-5, descreve TEA como um distúrbio de desenvolvimento que leva a severos comprometimentos de comunicação social e comportamentos restritivos e repetitivos, que se iniciam, tipicamente, nos primeiros anos de vida (APA, 2014).

Comparado a uma criança com desenvolvimento típico, o TEA é uma condição que compromete severamente a capacidade de se comunicar com os outros, de perceber acontecimentos compartilhados, de expressar o que sente ou pensa nas mais diversas situações, e de utilizar as palavras de acordo com o contexto. Dessa forma, essas características atrapalham gravemente o desenvolvimento global da criança (NASCIMENTO *et al.*, 2022).

Frequentemente, a criança com diagnóstico de transtorno autístico apresenta, em diferentes esferas, obstáculos em habilidades complexas, de posicionar-se, relacionar com o outro, compreender situações sociais, falar, ler, bem como determinar sua autonomia por meio de habilidades básicas, como o autocuidado, visto que, muitas vezes, sua independência é limitada. Assim, é essencial enfatizar que a promoção da comunicação funcional em indivíduos autistas, permite uma melhor qualidade de vida, potencializando se desenvolverem em todos os âmbitos da vida. (NASCIMENTO *et al.*, 2022, p. 8).

De acordo com Mello (2004), o autismo é uma síndrome que se caracteriza por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. As pessoas com autismo apresentam, desde cedo, um distúrbio severo do desenvolvimento, principalmente relacionado à sua comunicação e interação social. Entretanto, em alguns casos, podem apresentar incríveis habilidades motoras, musicais, de memória e outras, que muitas vezes não estão de acordo com a sua idade cronológica.

2.2 A Enfermagem no atendimento do TEA

No âmbito de sua competência, o enfermeiro atuante na APS é capacitado para identificar sinais de TEA infantil, por meio das consultas de puericultura e da escuta das observações das famílias, a equipe de enfermagem pode encaminhar o usuário do SUS para atendimento com a equipe multiprofissional, além disso, pode acionar outros dispositivos da rede de atenção psicossocial, quando julgar relevante (BARBOSA; PEREIRA, 2022).

A atuação da enfermagem tem potencialidade para contribuir significativamente para o diagnóstico e acompanhamento de crianças com TEA, auxiliando e informando os familiares em relação aos principais desafios, além de explicá-los acerca dos procedimentos assistenciais adotados pelo SUS no cuidado integral à criança. Porém, torna-se relevante enaltecer que, no cotidiano laboral do enfermeiro de Estratégia e Saúde da Família (ESF), a enfermagem costuma experimentar dificuldades “para conceituar o autismo e desconhecem os instrumentos de triagem precoce para TEA, nas consultas de puericultura” (CORRÊA *et al.*, 2021, p, 290).

Nesse sentido, torna-se evidente que a enfermagem está inserida na equipe multiprofissional para acompanhamento da criança autista, sendo de sua competência identificar sinais e sintomas na criança com suspeita TEA. Isso porque, dentre os profissionais da equipe multiprofissional de atendimento à criança com autismo – psiquiatra, neurologista, pediatra, psicólogo e fonoaudiólogo – o enfermeiro é o profissional que estabelece o contato inicial, assim como, passa mais tempo com o paciente. Assim, a enfermagem exerce a função de mediar os atores envolvidos no cuidado à criança com TEA, isto é, a família e os outros profissionais da área (ARAUJO *et al.*, 2019).

Contudo, no que tange à atuação da enfermagem no atendimento à saúde da criança na APS do SUS, em relação à detecção precoce de sinais e sintomas do TEA, estes profissionais ainda costumam sentir dificuldades sobre este assunto especificamente, pois:

A atuação dos enfermeiros na detecção precoce de sinais e sintomas do TEA ainda enfrenta muitas dificuldades como o pouco conhecimento sobre o assunto, formação acadêmica deficitária e o pouco investimento em educação permanente. Então, a fim de não negligenciar ou responsabilizar outras categorias profissionais por tal intervenção, a preparação do profissional enfermeiro da ESF para intervir junto à criança autista torna - se indispensável para uma intervenção assertiva (NASCIMENTO, *et al.*, 2018, p. 254).

Quanto à atuação da enfermagem no atendimento à criança autista na atenção básica, protocolos do SUS recomendam que o enfermeiro estimule ações voltadas para a área de educação continuada em serviços destinados à detecção precoce de sinais e sintomas do autismo infantil, além de desenvolver competências para atuar em intervenções com foco em postura e práticas de enfermagem na ESF. Esses procedimentos têm a potencialidade de reduzir os estigmas e fomentar ações significativas para promover a saúde mental, contribuindo com a qualidade do prognóstico à criança com TEA e auxiliando os familiares em seus cuidados.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. A pesquisa qualitativa é uma abordagem metodológica importante e fidedigna aos aspectos individuais e sociais, adequada ao estudo aprofundado em processos mais individualizados e intrínsecos, aos sujeitos e grupos (GIL, 2019).

Segundo Marconi e Lakatos (2021), a pesquisa exploratória possibilita maior proximidade do pesquisador com o problema e é caracterizada por ser uma metodologia flexível. Além disso, pesquisas descritivas permitem a caracterização de um grupo e sua descrição detalhada, além de incorporar a observação participativa de ações, percepções e concepções.

3.2 Local de pesquisa

O estudo foi realizado em Unidade de Saúde da Família do município de João Pessoa, Paraíba.

A equipe da unidade encontra-se completa, com 04 ESF, 04 ESB e equipe do NASF. Esta unidade tem um total de 1.164 cadastros domiciliares e territoriais até janeiro de 2023, segundo relatório da Secretaria de Saúde do Município de João Pessoa (JOÃO PESSOA, 2023). Neste relatório, consta a existência de 37 pessoas com algum tipo de deficiência, sendo 01 com problema auditivo, 05 com deficiência física, 20 com deficiência intelectual e/ou cognitiva, 04 com deficiência visual e 07 com outras deficiências não especificadas.

3.3 População e amostra

Conforme o relatório citado anteriormente, não existe no e-SUS o registro de crianças com TEA. Nesse sentido, estima-se que essas crianças podem estar incluídas nas estatísticas de pessoas com outras deficiências não especificadas no relatório.

Na USF escolhida como campo da pesquisa, havia um registro de 07 indivíduos com deficiência não especificada, assim, estima-se que as crianças com TEA estão incluídas neste número. Logo, consideramos que a população do estudo será constituída por todas as crianças que estavam incluídas nesse registro.

Sendo assim, a amostra do estudo foi composta por 07 responsáveis por essas crianças. Ressalta-se que para a composição da amostra realizou-se uma busca ativa junto com os ACS, para detectar os responsáveis pelas crianças.

Levando em consideração que, em conversa com o ACS, foi informado que existem cerca de 10 crianças com TEA, na área, porém, consideramos apenas os números registrados na USF.

Para composição final da amostra foi obedecido os seguintes critérios de inclusão: o responsável assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com a Resolução CNS/MS 466/2012 (BRASIL, 2013), assim com a criança ter o diagnóstico de TEA. E como critério de exclusão, não encontrar o responsável no momento da coleta de dados.

3.4 Instrumento para coleta de dados

Para a coleta de dados utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado, composto com perguntas abertas a fim de obter respostas detalhadas, englobando aspectos relativos ao tema proposto.

Ressalta-se que o formulário é um conjunto de questões que serão indagadas e anotadas por um entrevistador numa situação face a face com o entrevistado (GIL, 2017).

3.5 Procedimento para coleta de dados

Inicialmente, por questões éticas, a coleta de dados foi realizada mediante aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa CEP/FACENE, bem como foi encaminhado um ofício da Coordenação do Curso de Enfermagem da FACENE à Unidade de Saúde da Família, Instituição onde foi realizada a pesquisa. Nesse documento, foi apresentada a proposta da pesquisa, além do termo de anuência, que foi solicitado à respectiva instituição para posterior envio ao CEP.

A coleta de dados foi realizada através de uma busca ativa dos responsáveis das crianças com TEA, acompanhados pelo ACS da USF, a fim de ser um meio facilitador, para que esses familiares se sentissem mais livres para responder ao formulário, permanecendo inseridos no próprio domicílio.

3.6 Análise dos dados

Para análise dos dados empregou-se a Análise de Conteúdo Temática de Bardin (2009), que representa uma estratégia metodológica formada por uma série de procedimentos em prol da análise das informações, utilizando técnicas definidas com o objetivo de detalhar o conteúdo dos dados coletados. Para tanto, o processo ocorrerá em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Os dados foram transcritos e analisados seguindo as etapas da análise temática. Na primeira etapa, foi realizado a pré-análise referente à organização do material. Na segunda etapa, foram estabelecidos a agregação e a categorização dos recortes, agrupando os dados coletados em variáveis compreensíveis para qualificar as classes que farão parte da descrição da temática. Na terceira etapa, desenvolveu-se a organização estruturada e sintetizada das informações, para possibilitar as reflexões e interpretações em relação às categorias e subcategorias descritas, fundamentando-se em recortes das respostas obtidas com a aplicação do roteiro de entrevista semiestruturado junto aos sujeitos participantes da pesquisa (BARDIN, 2012).

3.7 Aspectos éticos

Este estudo foi desenvolvido em conformidade com os aspectos éticos em pesquisa envolvendo seres humanos, caracterizados na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) (BRASIL, 2016), bem como na Resolução 564/17 do COFEN, que trata do Código de Ética do Profissional de Enfermagem (COFEN, 2017).

Como estabelecido na Resolução 466/12, os sujeitos da pesquisa foram informados sobre o objetivo do estudo, garantindo a liberdade de cada um de participar ou desistir, em qualquer fase do trabalho, além da garantia do anonimato e do sigilo das informações, para que dessa forma, os dados coletados sejam publicados (BRASIL, 2013).

Pesquisas realizadas com seres humanos podem acarretar riscos, entretanto, os riscos apresentados por essa pesquisa são os mínimos possíveis. Dentre eles, existe o risco psicológico e/ou emocional, no entanto, esse risco foi minimizado, pois no ato da entrevista, foi solicitado um local reservado para diminuir a chance de constrangimentos. Vale ressaltar que, os participantes puderam optar por não responder às perguntas que não se sentissem

confortáveis.

Quanto aos benefícios da pesquisa, compreende-se que ela traz subsídios para melhoria do atendimento às crianças com TEA, além da melhora em sua qualidade de vida e de seus pais ou responsáveis.

4 RESULTADOS

Participaram do estudo 7 familiares de crianças com TEA, sendo seis mães e apenas um pai. A maioria das famílias tinham a mãe como cuidador principal. Em relação ao estado civil, todos eram casados. A idade das crianças variou entre 6 a 10 anos.

Sobre o diagnóstico das crianças com TEA, todos possuíam laudo diagnóstico. Além disso, estavam em tratamento e acompanhamento para TEA, tanto em serviço de saúde público quanto privado.

Ao analisar as respostas dos entrevistados, foi possível identificar quatro categorias que se relacionam com os questionamentos de pesquisa realizados. Os entrevistados foram identificados por meio da letra E seguido de número arábico de E1 a E7, mantendo o sigilo de identificação.

4.1 Sentimento ao receber o diagnóstico de autismo de seu filho e quem foi que comunicou

A maioria dos entrevistados expressou sentimentos de choque, surpresa e dificuldade, ao receber o diagnóstico de autismo de seus filhos. Sentiram-se despreparados para lidar com a situação, pois o autismo era um assunto desconhecido para eles. Além disso, mencionaram que a comunicação do diagnóstico foi feita por profissionais da saúde, como assistentes sociais e médicos.

No entanto, alguns entrevistados relataram insatisfação com a forma como o diagnóstico foi comunicado, destacando a falta de empatia e interação dos profissionais. Essas experiências ressaltam a importância de uma comunicação sensível e cuidadosa no momento do diagnóstico de autismo, oferecendo suporte necessário às famílias. É fundamental que os profissionais da saúde tenham empatia e estejam preparados para transmitir informações de forma clara e compassiva, reconhecendo a importância de um suporte integral e contínuo para as famílias que vivenciam o autismo.

Corresponder agora visse porque eu senti né a receber o diagnóstico e que comunicou foi a assistente social né lá da FUNAD e assim como eu me senti foi uma pessoa totalmente despreparada para assumir né uma responsabilidade bem maior do que assim já era né porque criar um filho é uma responsabilidade muito grande né aí daí veio o diagnóstico de autismo coisas que eu nem assim eu não via nem falar sobre esse assunto no tempo então para mim assim foi um choque muito grande (E1)

4.2 Atendimento por parte da enfermagem para seu filho

A maioria dos entrevistados afirmou que não precisou do atendimento por parte da enfermagem para seus filhos, exceto para vacinação. Alguns mencionaram que seus filhos possuem plano de saúde e são atendidos em clínicas particulares.

No entanto, uma entrevistada ressaltou a importância da paciência e do acolhimento por parte dos profissionais de enfermagem durante o atendimento, principalmente em situações delicadas, como a administração de injeções.

Essa entrevistada destacou que ter uma abordagem empática e cuidadosa por parte dos profissionais de enfermagem fez toda a diferença para o conforto e o bem-estar de seu filho. Ela enfatizou que a capacidade de tranquilizar a criança, fornecer explicações claras e criar um ambiente seguro contribuiu para tornar esses momentos menos estressantes. Essa situação refirma a importância de profissionais de enfermagem sensíveis e atenciosos, que valorizem o cuidado individualizado e a comunicação efetiva com as crianças e suas famílias durante o atendimento médico, mesmo que seja apenas para vacinação.

Até o momento, não precisei buscar atendimento da enfermagem específico para o meu filho. Felizmente, conseguimos acompanhar seu tratamento de forma adequada e não houve necessidade de assistência adicional nesse sentido. (E7)

4.3 Atuação da enfermagem na Unidade de Saúde da Família

Em geral, os entrevistados expressaram uma visão positiva em relação à atuação da enfermagem nas Unidades de Saúde da Família (USF). Destacaram a importância dos profissionais de enfermagem na resolução de problemas de saúde e no atendimento de urgências quando o médico não está disponível.

Além disso, ressaltaram a paciência, o cuidado, a atenção e o preparo dos profissionais de enfermagem durante o atendimento. Os entrevistados reconheceram o papel fundamental desempenhado pela equipe de enfermagem na promoção da saúde e prevenção de doenças, bem como no acompanhamento contínuo dos pacientes.

Eles valorizaram a capacidade dos profissionais de enfermagem de ouvir atentamente suas preocupações, responder às suas perguntas e fornecer orientações claras e acessíveis. Essa abordagem centrada no paciente e o compromisso demonstrado pela equipe de enfermagem foram fatores que contribuíram para a confiança e satisfação dos entrevistados em relação aos serviços de saúde oferecidos nas Unidades de Saúde da Família.

Eu nunca procurei atendimento específico de enfermagem, exceto para vacinação. No sistema público de saúde, as consultas são limitadas e não oferecem muitas oportunidades além disso. Sempre parece que você vai fazer apenas aquilo e fica por aí. No entanto, em relação às vezes em que precisei de assistência, tenho muitos motivos para agradecer. (E3)

4.4 Expectativas no que se refere aos cuidados que espera da unidade de saúde

Os entrevistados expressaram algumas expectativas em relação aos cuidados que esperam das unidades de saúde. Alguns destacaram a necessidade de uma equipe multidisciplinar, com profissionais como psicólogos, psiquiatras e fonoaudiólogos, para atender às demandas específicas de seus filhos com autismo.

Eles enfatizaram a importância de contar com uma abordagem integrada, que considere não apenas as necessidades médicas, mas também as questões emocionais e de desenvolvimento. Além disso, mencionaram a importância de melhorias no agendamento de exames e consultas, para evitar longas esperas e dificuldades no acesso aos serviços de saúde.

A rapidez e a eficiência no atendimento foram apontadas como aspectos fundamentais para garantir uma assistência adequada. Os entrevistados também expressaram o desejo de realizar os exames na própria unidade de saúde, a fim de evitar deslocamentos para outros locais. Isso poderia trazer maior comodidade e facilitar o acesso aos procedimentos necessários. Essas expectativas refletem a importância de uma abordagem abrangente e de qualidade na atenção à saúde, que considere as necessidades individuais dos pacientes e promova um atendimento mais ágil e acessível.

Minha expectativa em relação aos Postos de Saúde da Família (PSF) era que houvesse melhorias, especialmente no que diz respeito à atenção às pessoas com deficiência. Estou me referindo principalmente aos cadeirantes que não são autistas. Mesmo tendo prioridade, eles precisam esperar pacientemente sua vez, mas muitas vezes não possuem essa paciência. É necessário melhorar bastante nesse aspecto. (E2)

Essas são as categorias identificadas com base nas respostas dos entrevistados. Cabe ressaltar que essa análise é uma síntese das informações fornecidas e pode haver variações individuais nas percepções e experiências de cada entrevistado.

5 DISCUSSÃO

Ao analisar os resultados da pesquisa, que contou com a participação de sete familiares de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), algumas categorias se destacam em relação às questões propostas.

As informações foram coletadas por meio de entrevistas, sendo identificadas por letras e números para preservar a identidade dos participantes. A maioria dos entrevistados eram mães dos pacientes, e todos eram casados. As crianças tinham idades variando entre 6 e 10 anos, e todos possuíam laudo diagnóstico de TEA, além de estarem em tratamento tanto em serviços de saúde pública quanto privada.

Quando questionados sobre como se sentiram ao receber o diagnóstico de autismo de seus filhos e quem foi responsável por comunicar o diagnóstico, os entrevistados expressaram sentimentos de choque, surpresa e dificuldade.

Sentiram-se despreparados para lidar com a situação, pois o autismo era um assunto desconhecido para eles. De acordo com Brentani *et al.* (2013), a comunicação eficaz do diagnóstico de autismo por parte dos profissionais de saúde é fundamental para fornecer suporte adequado aos familiares e lidar com suas necessidades emocionais e informativas.

A comunicação do diagnóstico foi realizada principalmente por profissionais de saúde, como assistentes sociais e médicos. No entanto, alguns entrevistados relataram insatisfação com a forma como o diagnóstico foi comunicado, destacando a falta de empatia e interação dos profissionais (E1). Em seu estudo, Rivera *et al.* (2022) traz o entendimento que a falta de empatia e interação dos profissionais de saúde ao comunicar o diagnóstico de autismo pode causar insatisfação nos familiares.

Em relação ao atendimento por parte da enfermagem, a maioria dos entrevistados afirmou que não precisou buscar atendimento específico para seus filhos, exceto para vacinação. De acordo com Carvalho *et al.* (2022), a enfermagem desempenha um papel crucial no acolhimento e na paciência durante o atendimento às crianças com autismo, especialmente em procedimentos delicados como a administração de injeções, assim como retratou a entrevistada E7.

Quanto à atuação da enfermagem nas Unidades de Saúde da Família (USF), a maioria dos entrevistados expressou uma visão positiva. Além disso, destacaram a importância desses profissionais na resolução de problemas de saúde e no atendimento de urgências quando o médico não está disponível. Por fim, ressaltaram a paciência, o cuidado, a atenção e o preparo dos profissionais de enfermagem durante o atendimento (E3).

No que se refere aos cuidados esperados das unidades de saúde, os entrevistados manifestaram algumas expectativas. Destacaram a necessidade de uma equipe multidisciplinar, com profissionais como psicólogos, psiquiatras e fonoaudiólogos, para atender às demandas específicas de seus filhos com autismo.

Assim como em uma pesquisa conduzida por Silva *et al.* (2009), em que as famílias de crianças com autismo expressaram a necessidade de uma equipe multidisciplinar nas unidades de saúde, incluindo profissionais como psicólogos, psiquiatras e fonoaudiólogos, para atender às demandas específicas de seus filhos.

Os entrevistados também mencionaram a importância de melhorias no agendamento de exames e consultas, para evitar longas esperas e dificuldades no acesso aos serviços de saúde. Além disso, eles expressaram o desejo de realizar os exames na própria unidade de saúde, evitando deslocamentos para outros locais (E2).

Essas categorias identificadas refletem as percepções e experiências dos entrevistados. É importante ressaltar que esses resultados são baseados em uma amostra específica e que podem haver variações individuais nas vivências de cada família. No entanto, essas informações fornecem *insights* relevantes sobre as expectativas e as necessidades das famílias de crianças com TEA, em relação aos serviços de saúde, especialmente no que diz respeito à atuação da enfermagem.

5.1 Limitações do estudo

É importante destacar algumas limitações deste estudo. Em primeiro lugar, a amostra utilizada foi restrita, composta por apenas sete familiares de crianças com TEA, o que pode limitar a generalização dos resultados para a população em geral. Além disso, a predominância das mães como entrevistadas pode influenciar na representatividade das perspectivas paternas. A utilização de entrevistas individuais também pode ter gerado influência do viés individual e subjetivo dos participantes.

Outro aspecto a ser considerado é a possibilidade de viés de memória, uma vez que os entrevistados foram questionados sobre eventos passados e suas percepções podem ter sido afetadas por lembranças seletivas. Apesar dessas limitações, este estudo fornece *insights* valiosos sobre as experiências e percepções das famílias de crianças com TEA, em relação ao diagnóstico e atendimento em saúde, contribuindo para a compreensão desse contexto específico.

5.2 Contribuições para área da enfermagem e saúde

Este estudo oferece contribuições significativas para a área da enfermagem e saúde. Ao analisar as experiências e percepções das famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autismo (TEA) em relação ao diagnóstico e atendimento em saúde, é possível obter *insights* importantes para a prática clínica e o planejamento de políticas de saúde. A identificação das emoções e dificuldades enfrentadas pelos familiares no momento do diagnóstico do TEA pode sensibilizar os profissionais de enfermagem e fazê-los refletir sobre a importância de uma comunicação empática e acolhedora nesse processo.

Além disso, a valorização das expectativas das famílias em relação aos cuidados oferecidos pelas unidades de saúde pode subsidiar a implementação de melhorias no acesso aos serviços, como a ampliação de equipes multidisciplinares e o aprimoramento do agendamento de consultas e exames. Essas contribuições podem fortalecer a atuação da enfermagem no cuidado de crianças com TEA, promovendo uma abordagem mais centrada no paciente e nas necessidades de suas famílias, resultando em uma assistência mais efetiva e humanizada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que este estudo proporcionou *insights* valiosos sobre as experiências das famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autismo (TEA) em relação ao diagnóstico e ao atendimento em saúde. As emoções de choque, surpresa e dificuldade relatadas pelos entrevistados ao receberem o diagnóstico refletem a necessidade de um suporte adequado e sensível por parte dos profissionais de saúde.

A comunicação empática e a interação efetiva são fundamentais para ajudar as famílias a compreender e lidar com a condição de seus filhos. Além disso, as expectativas dos familiares em relação aos cuidados oferecidos pelas unidades de saúde evidenciam a importância de uma abordagem multidisciplinar, que considere não apenas o aspecto clínico, mas também as necessidades psicossociais e educacionais das crianças com TEA.

Melhorias no acesso aos serviços de saúde, como o agendamento de consultas e exames, podem contribuir para diminuir a sobrecarga enfrentada pelas famílias e promover um cuidado mais abrangente e integrado. É fundamental que os profissionais de enfermagem estejam cientes dessas considerações e busquem aprimorar sua prática, visando fornecer um atendimento de qualidade, respeitando as particularidades e necessidades das famílias de crianças com TEA.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5**: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992p.
- ARAÚJO, C. M., et al. O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, v. 1, n. 3, p. 31-35, 2019.
- BARBOSA, S.C.; PEREIRA, T. M. L. O enfermeiro nos cuidados ao paciente no transtorno do espectro autista infantil na unidade básica de saúde-revisão integrativa. **Revista Eletrônica da Estácio Recife**, Recife, v. 7, n. 2, p. 1-10, 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. BARDIN, Laurence.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2020.
- BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, seção 1, Brasília, DF, n. 12, p. 59, 13 jun. 2013.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS: Acolhimento e classificação de risco nos serviços de urgência**. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde, 2009.
- BRITES, C. **Autismo o que é?** Definição e características. Londrina: AMA, 2017. Disponível em: <http://entendendoautismo.com.br/artigo/autismo-o-que-e/>. Acesso em: 03 nov. 2012.
- BRENTANI, H.; PAULA, C. S. de; BORDINI, D.; ROLIM, D.; SATO, F.; PORTOLESE, J.; PACIFICO, M. C.; MCCRACKEN, J. T. **Autism spectrum disorders: an overview on diagnosis and treatment**. Brazilian Journal of Psychiatry, v. 35, p. S62-S72, 2013.
- CARVALHO, A. S.; SOUSA, M. G. D. de; AZEVEDO, F. H.C. **Assistência em enfermagem a crianças com autismo: revisão integrativa de 2017 a 2022**. 2022. Disponível em: <<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1523>>. Acesso em: 04 jun. 2023.
- CORRÊA, I. S. et al. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Revista Atenção Primária à Saúde**, v. 24, n. 2, p. 282-295, 2021.
- DARTORA, D. D.; MENDIETA, M. C.; FRANCHINI, B.. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. **J Nurs Health**, Pelotas, v. 4, n. 1, p. 27-38, 2014.
- EBERT, M.; LORENZINI, E.; SILVA, E. F.. Mãe de crianças com transtorno autístico: percepções e trajetórias. **Rev Gaúcha Enferm.**, v. 36, n. 1, p. 49-55, 2016.

JOÃO PESSOA. Relatório de cadastro. Unidade de Saúde Usf Integrada Mudança de Vida, João Pessoa, 2023.

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral**. São Paulo: CORDE, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462006000500002. Acesso em: 03 nov. 2022.

MAPELLI, L. D. et al. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Esc Anna Nery**, v. 22, n. 4, p. 01-09, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141481452018000400232&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso 28 set. 2022.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M.. **Técnicas de pesquisa**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021. [Biblioteca Virtual]

MARTINS, R. A. et al. Assistência do enfermeiro à criança autista na atenção básica Nurse's assistance to autistic children in basic care. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 3, p. 12193-12206, 2021.

MELLO, A. M. S.. **Autismo: Guia Prático**. 4 ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2004.

MOHAMMADI, F et al. Competência parental de pais de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática. Invest. **Educ. Enferm.**, v. 37, n. 3, p. e03, 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0120-53072019000300003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso 11 set. 2022.

NASCIMENTO, Y. C. M. L. et al. Transtorno do Espectro Autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia e saúde da família. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 32, n. 1, p. 254-285, 2018.

NASCIMENTO, A. S. et al. Atuação do Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem – REAEnf**, v. 19, n. 1, 2022. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/10523/6279>. Acesso em: 10 nov. 2022.

NUNES, D. R. P.; AZEVEDO, M. Q. O.; SCHMIDT, C. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Rev. Bras. Educ. Espec.**, Marília, v. 26, n. 47, p. 557-572, 2013.

OLIVEIRA, B. D. C. et al. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 707-726, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-73312017000300707&lng=pt&nrm=iso. Acesso 29 set. 2022.

RIVERA-FIGUEROA, K.; MARFO, N. Y. A.; EIGSTI, I. M. **Parental Perceptions of Autism Spectrum Disorder in Latinx and Black Sociocultural Contexts: A Systematic Review**. American Journal of Intellectual and Developmental Disabilities, v. 127, n. 1, p. 42-63, 2022

SOUZA, A. P. et al. Assistência de enfermagem ao portador de autismo infantil: uma revisão integrativa / Assistance nursing to infantile autism carrier: an integrated review. **Braz. J. Hea. Rev**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 2874-2886, mar./abr. 2020.

ZANATTA, E. A.; GUIMARÃES, A. N.; MOTTA, M. G. C.. Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil, **Rev. Baiana Enfer.**, Salvador, v. 28, n. 3, p. 271-282, set./dez. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Sou Yuri Alves Amaro, estudante de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança – FACENE, e venho por meio deste, solicitar a sua participação e contribuição para o desenvolvimento de uma pesquisa, a qual se intitula EXPECTATIVAS DE PAIS DE CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA FRENTE AOS CUIDADOS À SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA DO SUS e tem como orientador o professor Me. Paulo Emanuel Silva, buscando, a partir de um devido esclarecimento acerca dos objetivos da pesquisa a realização de uma entrevista que visa à coleta de informações disponíveis, a fim de colaborar com a pesquisa.

A mesma, por sua vez, apresenta como objetivo geral: Analisar a percepção de pais de crianças autistas sobre suas expectativas em relação aos cuidados na APS do SUS; e objetivos específicos: Compreender a atuação da equipe de enfermagem no atendimento a crianças com TEA na APS do SUS, sob a ótica dos pais; Descrever as expectativas de pais de crianças autistas frente aos cuidados na APS. Justifica-se esta pesquisa pelo fato de abordar a percepção de pais de crianças autistas sobre suas expectativas em relação aos cuidados do SUS. Ressaltamos ainda que esta pesquisa poderá causar riscos mínimos, no que se trata dos riscos psicológicos, no entanto seu desenvolvimento trará inúmeros benefícios já que contribuirão para uma abordagem maior da temática e possíveis mudanças sociais no que diz respeito a assistência prestada a crianças com TEA.

Desta forma, solicito sua autorização, para realizar uma entrevista, e após a conclusão do estudo apresentar em eventos científicos e publicar em revistas científicas. Informo-lhe que esta investigação, não lhe trará danos e comprometo-me em manter seu nome em sigilo caso decida contribuir, ressalto ainda, que sua participação é voluntária, e caso decida não participar do estudo ou desistir a qualquer momento, estará em seu direito. Estando ainda o pesquisador a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, agradecemos sua contribuição na realização dessa pesquisa.

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos, e a justificativa, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar da mesma. Declaro também que as pesquisadoras me informaram que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FACENE. Estou ciente que receberei uma copia deste documento rubricada a primeira página e assinada a última por mim e pelo pesquisador responsável, em duas vias, de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador responsável.

João Pessoa, ____/____/2023

Pesquisador responsável/pesquisador participante

Participante da pesquisa

1Endereço da pesquisador responsável: Rua Iolanda Eloy de Medeiros, 101. Bairro: Água Fria. João Pessoa-PB. CEP: 58053-028. Fone:(83) 98695-8073. E-mail:pauejp@hotmail.com

2Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa: Rua Frei Galvão, 12, Bairro Gramame – João Pessoa – PB. CEP: 58067-695. Fone: (83)21064790. E-mail: cep@facene.com.br

APÊNDICE B
FORMULÁRIO DE ENTREVISTA

- A) O que o(a) senhor(a) sentiu ao receber o diagnóstico de autismo de seu filho? Quem o comunicou?
- B) O (a) senhor(a) já precisou do atendimento por parte da enfermagem para seu filho? Caso positivo, fale um pouco sobre esse atendimento:
- C) Como o (a) senhor(a) considera a atuação da enfermagem na USF?
- D) Fale acerca de suas expectativas no que se refere aos cuidados que o (a) senhor(a) espera da unidade: